

## Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o

### «DIA MUNDIAL das COMUNICAÇÕES»

"A verdade vos libertará" (Jo 8,32).

Notícias falsas e jornalismo pela paz

Queridos irmãos e irmãs

Comunicação é parte do plano de Deus para nós, e uma maneira essencial de experimentarmos a amizade. Feitos à imagem e semelhança do nosso Criador, somos capazes de expressar e compartilhar tudo o que é verdadeiro, bom e belo. Somos capazes de descrever nossas próprias experiências e o mundo ao nosso redor e, assim, criar a memória histórica e a compreensão dos eventos. Mas quando cedemos ao nosso próprio orgulho e egoísmo, também podemos distorcer a maneira como usamos nossa capacidade de nos comunicar. Isso pode ser visto desde os tempos mais remotos, nas histórias bíblicas de Caim e Abel e da Torre de Babel (cf. Gn 4: 4-16; 11: 1-9). A capacidade de distorcer a verdade é sintomática da nossa condição, tanto como indivíduos quanto como comunidades. Por outro lado, quando somos fiéis ao plano de Deus, a comunicação torna-se uma expressão eficaz de nossa busca responsável pela verdade e pela busca da bondade.



No atual mundo de comunicações e sistemas digitais em rápida mudança, estamos testemunhando a disseminação do que veio a ser conhecido como "fake news" [*notícias falsas*]. Isto requer reflexão, e é por isso que decidi voltar nesta Mensagem da Jornada Mundial das Comunicações para a questão da verdade, que foi levantada uma e outra vez por meus predecessores, começando com o Papa Paulo VI,

cujas Mensagem de 1972 teve como tema: "Comunicações sociais ao serviço da verdade". Desta forma, gostaria de contribuir para o nosso compromisso comum de conter a disseminação de notícias falsas, e redescobrir a dignidade do jornalismo e a responsabilidade pessoal dos jornalistas de comunicar a verdade.

#### O que é falso nas «fake news»?

O termo "fake news" tem sido objeto de grande discussão e debate. Em geral, refere-se à divulgação de desinformação *on line* ou nos *media tradicionais*. Tem a ver com informações falsas baseadas em dados inexistentes ou distorcidos destinados a enganar e manipular o leitor. A divulgação de notícias falsas pode servir para alcançar objetivos específicos, influenciar decisões políticas e servir interesses económicos.

A eficácia das notícias falsas, é principalmente devida à sua capacidade de imitar notícias reais, para parecer plausível. Em segundo lugar, essa notícia falsa, mas verossímil, é "capciosa", na medida em que capta a atenção das pessoas apelando para estereótipos e preconceitos sociais comuns, e explorando emoções instantâneas como ansiedade, desprezo, raiva e frustração. A

capacidade de espalhar essas notícias falsas depende muitas vezes do uso manipulador das redes sociais e do modo como elas funcionam. Histórias falsas podem espalhar-se tão rapidamente que, mesmo negações autorizadas, não conseguem conter o dano.

A dificuldade de desmascarar e eliminar *fake news* deve-se também ao fato de que muitas pessoas interagem em ambientes digitais homogêneos impermeáveis a diferentes perspectivas e opiniões. A informação prospera, assim, na ausência de confronto saudável com outras fontes de informação que possam efetivamente desafiar preconceitos e gerar diálogo construtivo; em vez disso, corre o risco de transformar as pessoas em cúmplices indesejáveis na disseminação de ideias tendenciosas e infundadas. A tragédia da desinformação é que ela desacredita os outros, apresentando-os como inimigos, a ponto de demonizá-los e fomentar o conflito. As notícias falsas são um sinal de atitudes intolerantes e hipersensíveis, e levam apenas à disseminação da arrogância e do ódio. Esse é o resultado final da inverdade.

Como podemos reconhecer notícias falsas?

Nenhum de nós se pode sentir dispensado do dever de combater essas falsidades. Esta não é uma tarefa fácil, uma vez que a desinformação é frequentemente baseada em retórica deliberadamente evasiva e sutilmente enganosa e, às vezes, no uso de sofisticados mecanismos psicológicos. Esforços louváveis estão sendo feitos para criar programas educacionais destinados a ajudar as pessoas a interpretar e avaliar as informações fornecidas pelos media, e ensinando-as a tomar parte ativa no desmascaramento de falsidades, ao invés de contribuir inconscientemente para a disseminação da desinformação. Também vale a pena mencionar as iniciativas institucionais e legais, voltadas para o desenvolvimento de regulamentações para conter o fenómeno, para não mencionar o trabalho que está sendo feito pelas empresas de tecnologia e media, em criar novos critérios para verificar as identidades pessoais escondidas por trás de milhões de perfis digitais.

No entanto, prevenir e identificar a maneira como a desinformação funciona também exige um profundo e cuidadoso processo de discernimento. Precisamos desmascarar o que poderia ser chamado de “tática de cobra” usada por aqueles que se disfarçam para atacar a qualquer hora e lugar. Esta foi a estratégia empregada pela “serpente esperta” no Livro do Genesis que, no alvorecer da humanidade, criou as primeiras notícias falsas (cf. Gn 3, 1-15), que iniciaram a trágica história do pecado humano, começando com o primeiro fratricídio (cf. Gn 4) e lançando nos inúmeros outros males cometidos contra Deus, o próximo, a sociedade e a criação. A estratégia desse habilidoso “Pai das Mentiras” (Jo 8,44) é precisamente a mímica, aquela forma manhosa e perigosa de sedução que se infiltra no coração com argumentos falsos e sedutores.

No relato do primeiro pecado, o tentador aproxima-se da mulher fingindo ser sua amiga, preocupada apenas com seu bem-estar, e começa dizendo algo apenas parcialmente verdadeiro: “Será que Deus realmente disse que você não deveria comer de nenhuma das árvores? no jardim?” (Gn 3: 1). De fato, Deus nunca disse a Adão para não comer de nenhuma árvore, mas apenas da única árvore: “Da árvore do conhecimento do bem e do mal, você não deve comer” (Gn 2:17). A mulher corrige a serpente, mas deixa-se levar por sua provocação: “Do fruto da árvore no meio do jardim, Deus disse: “ Não deve comê-la nem tocá-la, sob pena de morte ” (Gn 3 : 2). Sua resposta é expressa em termos legalistas e negativos; depois de ouvir

o enganador e se deixar levar por sua versão dos fatos, a mulher é enganada. Então, ela atende às suas palavras de confiança: “Não morrerás!” (Gn 3: 4).

A “desconstrução” do tentador então assume uma aparência de verdade: “Deus sabe que no dia em que você comer, seus olhos se abrirão e vocês serão como deuses, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3: 5). O comando paternal de Deus, destinado a seu bem, é desacreditado pela sedutora sedução do inimigo: “A mulher viu que a árvore era boa para comer e agradável aos olhos e desejável” (Genesis 3: 6). Este episódio bíblico traz à luz um elemento essencial para a nossa reflexão: não existe desinformação inofensiva; pelo contrário, confiar na falsidade pode ter consequências terríveis. Mesmo uma distorção aparentemente leve da verdade pode ter efeitos perigosos.

O que está em jogo é a nossa ganância. Notícias falsas muitas vezes tornam-se virais, espalhando-se tão rápido que é difícil para-las, não por causa do senso de partilha que inspira os media sociais, mas porque apela para a ganância insaciável tão facilmente despertada em seres humanos. Os objetivos económicos e manipuladores que alimentam a desinformação estão enraizados em uma sede de poder, um desejo de possuir e desfrutar, que finalmente nos torna vítimas de algo muito mais trágico: o poder enganador do mal que se move de uma mentira para outra para nos roubar a nossa liberdade interior. É por isso que a educação para a verdade significa ensinar as pessoas a discernir, avaliar e compreender nossos desejos e inclinações mais profundos, para não perdermos de vista o que é bom e cedermos a toda tentação.

#### **"A verdade vos libertará" (Jo 8,32)**

Contaminação constante por linguagem enganosa pode acabar escurecendo nossa vida interior. A observação de Dostoiévski é esclarecedora: “As pessoas que mentem para si mesmas e ouvem suas próprias mentiras chegam a tal ponto que não conseguem distinguir a verdade dentro delas ou ao redor delas, perdendo assim todo o respeito por si mesmas e pelos outros. E não tendo respeito, deixam de amar e, para ocupar e distrair-se sem amor, abrem caminho às paixões e aos prazeres grosseiros, e afundam-se na bestialidade em seus vícios, tudo da mentira contínua para os outros e para si mesmos”, (*Os Irmãos Karamazov*, II, 2).

Então, como nos defendemos? O antídoto mais radical ao vírus da falsidade é a purificação pela verdade. No Cristianismo, a verdade não é apenas uma realidade conceptual que considera como julgamos as coisas, definindo-as como verdadeiras ou falsas. A verdade não é apenas trazer à luz as coisas que estão ocultas, “revelando a realidade”, como o antigo termo grego *aletheia* (*de a-lethès*, “*não escondido*”) pode-nos levar a acreditar. A verdade envolve toda a nossa vida. Na Bíblia, ela traz consigo o senso de apoio, solidez e confiança, como está implícito na raiz *'aman*, a fonte de nossa expressão litúrgica *Amen*. A verdade é algo em que podemos apoiar-nos, para não cair. Neste sentido relacional, o Único verdadeiramente confiável e verdadeira - aquele em quem podemos contar - é o Deus vivo. Por isso, Jesus pode dizer: “Eu sou a verdade” (Jo 14,6). Descobrimos e redescobrimos a verdade quando a experimentamos dentro de nós, na lealdade e confiabilidade daquele que nos ama. Só isso pode libertar-nos: “A verdade vos libertará” (Jo 8,32).

Liberdade de falsidade e busca de relacionamento: esses dois ingredientes não podem faltar se nossas palavras e gestos forem verdadeiros, autênticos e confiáveis. Para discernir a verdade, precisamos discernir tudo o que incentiva a comunhão e promove a bondade de tudo o que, em vez disso, tende a isolar, dividir e se opor. A verdade, portanto, não é realmente compreendida quando é imposta de fora como algo impessoal, mas apenas quando flui de relacionamentos livres entre pessoas, de ouvir uns aos outros. Nem podemos parar de procurar a verdade, porque a falsidade pode sempre surgir, mesmo quando afirmamos coisas verdadeiras. Um argumento impecável pode de fato basear-se em fatos inegáveis, mas se for usado para ferir outro e desacreditar essa pessoa aos olhos dos outros, por mais correto que possa parecer, ela não é verdadeira. Podemos reconhecer a verdade das declarações a partir de seus frutos: se provocam brigas, fomentam divisão, estimulam a resignação; ou, por outro lado, promovem uma reflexão informada e madura, levando a um diálogo construtivo e a resultados frutíferos.

A paz é **notícias verdadeiras**

Os melhores antídotos para as falsidades não são estratégias, mas pessoas: pessoas que não são gananciosas, mas estão prontas para ouvir, pessoas que se esforçam para se engajar em diálogos sinceros para que a verdade possa emergir; pessoas que são atraídas pela bondade e se responsabilizam pelo modo como usam a linguagem. Se a responsabilidade é a resposta para a disseminação de notícias falsas, então uma pesada responsabilidade recai sobre os ombros daqueles cuja função é fornecer informações, ou seja, jornalistas, os protetores das notícias. No mundo de hoje, o deles é, em todos os sentidos, não apenas um trabalho; é uma missão. No meio do frenesi e da corrida louca para uma notícia, eles devem lembrar-se que o amago da informação não é a velocidade com que é relatada ou o impacto do público, mas as pessoas. Informar os outros significa formar outros; significa estar em contato com a vida das pessoas. É por isso que assegurar a exatidão das fontes e proteger a comunicação são meios reais de promover o bem, gerar confiança e abrir o caminho para a comunhão e a paz.

**Eu gostaria, então, de convidar a todos para promoverem um jornalismo de paz.** Com isso, não me refiro ao tipo de jornalismo adocicado que se recusa a reconhecer a existência de problemas sérios ou cheira a sentimentalismo. Pelo contrário, quero dizer um jornalismo que é verdadeiro e se opõe a falsidades, slogans retóricos e manchetes sensacionais. Um jornalismo criado por pessoas para pessoas, uma que esteja a serviço de todos, especialmente daqueles - e eles são a maioria em nosso mundo - que não têm voz. Um jornalismo menos concentrado em notícias de última hora do que em explorar as causas subjacentes dos conflitos, a fim de promover uma compreensão mais profunda e contribuir para sua resolução, estabelecendo processos virtuosos. Um jornalismo comprometido em apontar alternativas para a escalada de jogos de gritos e violência verbal.

Assim, inspirando-nos numa oração franciscana, podemos voltar-nos pessoalmente para a

**Verdade:**

*Senhor, faz de nós instrumentos da tua paz.*

*Ajuda-nos a reconhecer o mal latente numa comunicação que não edifica a comunhão.*

*Ajuda-nos a remover o veneno de nossos julgamentos.*

*Ajuda-nos a falar sobre os outros como nossos irmãos e irmãs.*

## FORUM ABEL VARZIM - LISBOA/Portugal

*Sois fiel e confiável; que nossas palavras sejam sementes de bondade para o mundo:  
onde houver gritos, pratiquemos a escuta;  
onde houver confusão, inspiremos harmonia;  
onde houver ambiguidade, tragamos clareza;  
onde houver exclusão, ofereçamos solidariedade;  
onde houver sensacionalismo, usemos sobriedade;  
onde houver superficialidade, levantemos questões reais;  
onde houver preconceito, despertemos confiança;  
onde houver hostilidade, tragamos respeito;  
onde houver falsidade, deixa-nos trazer a verdade.  
Assim Seja.*

**- Francisco**

Adaptado de: <https://www.vaticannews.va/en/world/news/2018-05/pope-francis-message-world-communications-day-galtung-peace.html>